



'Critério seletivo' na reunião de Cartagena

CARLOS CONDE
Da sucursal de Brasília

Alguns países da América Latina acreditam que a Carta de Quito "está sendo rasgada" por Brasil, Argentina, México e Colômbia. As nações que se queixam ainda não foram convidadas para participar da reunião de Cartagena, nos dias 21 e 22 próximos, quando o problema da dívida externa será examinado.

Os países queixosos reclamam de uma omissão anterior dos chamados quatro "grandes": também não foram convidados para assinar o documento que os presidentes de sete parceiros latino-americanos enviaram recentemente aos chefes de governo das sete nações mais ricas do mundo, enfatizando as consequências dramáticas provocadas pela dívida externa. Três países tiveram o direito de se juntar aos quatro primeiros: Venezuela, Peru e Equador.

As nações que estão reclamando rejeitam a idéia, divulgada pelos quatro "grandes", de que "toda a América Latina está implicitamente convidada" para participar da estratégia perante os sete mais ricos. Esse convite oblíquo constaria do final da nota que, no dia 19 de maio, foi divulgada por Brasil, Argentina, México e Colômbia.

O embaixador em Brasília de um dos países rejeitados explica: "Há, de fato, uma vaga referência a adesões no documento do dia 19. Mas ninguém participa de uma negociação diplomática com base em recados desse tipo. Não queremos fazer o papel de **furão de festa**. Quatro países tomaram a iniciativa — que é muito boa, aliás — de desfechar uma estratégia para levar os ricos à mesa de negociação. O erro deles foi adotar um critério seletivo para a escolha de participantes latino-americanos. O problema é que não delegamos poderes a ninguém para nos

representar. Em um tema dessa relevância você participa diretamente ou não participa".

Outro embaixador queixoso mostra de que forma a Carta de Quito está sendo rasgada: "Ali, sim, ficou bem simbolizada a unidade latino-americana. Todos nós estávamos presentes e o documento divulgado em janeiro foi, na verdade, a média do nosso pensamento".

"O LEPROSO"

Os países ricos, que possuem sensíveis radares, já perceberam isso. O embaixador de uma das mais influentes nações da cúpula dos ricos disse ontem ao **Estado**, após receber garantias solenes de que o nome de seu país e o seu próprio seriam preservados: "Essa divisão dos países latino-americanos, que aliás é muito útil para nós, lembra um pouco a história do leproso e Valéria especialmente para o caso da Bolívia, que pediu moratória. A América Latina usa a Bolívia para nos assustar, mas quando os bolivianos tentam ficar no mesmo barco dos latino-americanos acabam sendo jogados na água. É como se a América Latina dissesse à Bolívia: estamos utilizando você, mas não fique muito perto porque os ricos acabam achando que nós também vamos contrair a lepra da sua moratória".

Com tantas queixas é preciso fazer uma nova leitura das declarações que o chanceler da Bolívia, Gustavo Fernandez Saavedra, formulou sexta-feira no final da manhã, depois de conversa de uma hora com o chanceler Saraiva Guerreiro: "O boicote seria totalmente contraditório perante o espírito de solidariedade latino-americano. Uns países podem ter uma posição mais avançada, outros uma posição mais moderada; depende das circunstâncias. Os esforços de solidariedade continental precisam contemplar a situação dos vários países".